

Valéria da Cruz Viana Labrea

CULTURA VIVA: *REDES TEMÁTICAS* E *REDE DE GOVERNANÇA* COMO  
ESTRATÉGIA DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL AMPLIADA

Trabalho apresentado ao Curso de Especialização em Gestão Cultural da Universidade de Girona, Depto. Observatório Itáu Cultural, com apoio da Organização dos Estados Iberoamericanos, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão Cultural.

Orientadores:

Prof. Dr. José Teixeira Coelho Netto

Prof. Dr. Alfons Sempere Martinell

São Paulo

Agosto, 2012

## INTRODUÇÃO

Os instrumentos científicos não são feitos  
para dar respostas,  
mas para colocar questões.  
Paul Henry

Ao propormos estudar o conceito de *redes* mobilizado pelo Programa Cultura Viva (CV) focaremos em um nível de análise que põe em evidência o *aspecto discursivo* e o nível da *formulação* das ideias e conceitos que organizam as práticas tanto da Secretaria de Cidadania e Diversidade Cultural (SCDC) do Ministério da Cultura (MinC) quanto dos Pontos e Pontões de Cultura. Neste espaço procuramos refletir sobre a efetividade das redes, sob o ponto de vista dos protagonistas do CV.

Nossa hipótese inicial é que o programa dialoga com uma ideia *a priori* e idealizada de política pública. Essa ideia é que a política poderia vitalizar o movimento social no campo da cultura, democratizando Estado e sociedade. A política pública dos pontos de cultura reconhece as diversas e diferentes formas e linguagens da cultura brasileira e direciona suas forças na vitalização de redes culturais, essas, por sua vez, constituem sujeitos e projetos políticos e que esses se relacionam às transformações democratizantes do Estado e da sociedade.

A perspectiva que adotamos na reflexão sobre Programa Cultura Viva é a *análise cognitivista de políticas pública* (Muller: 2000, p.191), em razão da ênfase que ela dá ao papel das ideias, das representações coletivas e dos mediadores para a construção de sentidos para a ação. Os atores formam redes em torno das políticas e de seus referenciais. Os referenciais se constituem por um conjunto de ideias, crenças, valores, normas, explicações causais e imagens que são vetores complexos e implícitos da ação. Articula-se com os instrumentos próprios da ação pública.

### *Objetivo Geral*

- i. Refletir criticamente sobre a *efetividade* das redes, sob o ponto de vista dos protagonistas do CV, a partir do *discurso institucional*, produzido nos documentos da SCDC e do *discurso sobre as práticas* das redes formadas por Pontos e Pontões de Cultura, a fim de propor um modelo de governança em rede que seja adequado aos objetivos do Programa.

### *Objetivos Específicos*

- i. Descrever as noções de redes proposta no discurso formulado no âmbito da SCDC;
- ii. Descrever como as noções de rede se concretizam em práticas concretas, a partir das narrativas de Pontos e Pontões de Cultura colhidas nas

*Oficinas de Avaliação Situacional*, em 2010, apontando seus *problemas, limites e potências*.

- iii. Propor um desenho de redes para o PCV, distinguindo as redes temáticas da rede de governança.

### *Justificativa*

Este estudo se insere no contexto de reflexão sobre as possibilidades de *redesenho*<sup>1</sup> do programa CV. Nosso recorte analítico procura entender as redes culturais e seu funcionamento em um contexto de gestão pública. Entendemos que existe um espaço para refletir crítica e teoricamente sobre estas questões em função da *tendência* das políticas culturais do Governo Lula que, desde 2003, dá espaços para que as reivindicações dos movimentos sociais e da sociedade civil pautem a Agenda Social do Governo Federal<sup>2</sup>. Assim, deve-se entender que é uma *posição de governo* que permite a criação de uma agenda de cultura e cidadania que inclua a diversidade cultural e é neste contexto que as redes do CV se concretizam - porque existem as condições políticas para tal agenda afirmativa.

Nesse contexto, o Governo Federal também se apropria de elementos de articulação próprios dos movimentos sociais e busca nas redes solidárias o espaço de interlocução com a sociedade civil, a partir da criação de uma agenda política comum, e permite que os grupos sociais que dialogam com o governo se organizem coletivamente a partir das questões identitárias, trazendo a ideia de redes sociais solidárias para o âmbito do Governo Federal. Entende-se que essa tecnologia social é um modo adequado para garantir a participação social ampliada nos processos decisórios do governo federal e a inserção de camada da população até então excluída ou considerada irrelevante na formulação de políticas públicas.

Nossa percepção é que a apropriação desta tecnologia social não veio acompanhada de uma reflexão dos sentidos que estas redes produzem na administração pública, seus limites e potencialidade. Este artigo resulta de um *processo de aprendizagem sobre o funcionamento das redes* do programa e pode ser entendido como uma avaliação desta política pública, seguida de uma proposta de readequação e realinhamento necessários, denominada de rede de governança, para qualificar seus resultados, aumentando sua estabilidade e efetividade. No Brasil, há necessidade de estudos voltados para as políticas culturais:

---

<sup>1</sup> O Projeto de Redesenho do Programa Cultura Viva é direcionado à superação das dificuldades e avançar no sentido das mudanças necessárias, realizando para tanto uma atualização do programa, a partir do GT Cultura Viva, coordenado pelo IPEA, sob a supervisão da SCDC/MINC.

<sup>2</sup> Segundo o IPEA (2008), a Agenda Social compreende um conjunto de iniciativas prioritárias para ampliar oportunidades à parcela mais vulnerável da população, mediante uma política garantidora de direitos, a ser efetivada com gestão integrada e pactuação federativa entre União, estados e municípios.

No Brasil não temos tradição de realização de estudos de políticas públicas, em especial em áreas como a da cultura. Ao revisitarmos, ainda que superficialmente, as ações do Estado no âmbito da cultura, nessas últimas quatro décadas, verificamos uma série de iniciativas na direção da elaboração de linhas de atuação política, que inúmeras vezes foram abandonadas e retomadas com pequenas alterações por governos que se seguiram. Esse processo de eterno recomeçar, de experiências que poucos rastros deixaram, de ausência de registros, de pouca sistematicidade nas ações, gerou alguns efeitos perversos, com grandes desperdícios de recursos financeiros e humanos. Em um tempo de constantes inovações tecnológicas que facilitam a disponibilização e a democratização das informações, torna-se tarefa inadiável o resgate das ações do governo na área da cultural (CALABRE: 2005, s/p).

Acreditamos, assim, para que o Programa avance para além do discurso e mostre coerência entre o dizer e o fazer são necessários estudos que dêem subsídios para o alinhamento da política e este estudo procura avançar, ao menos parcialmente, no entendimento das redes culturais, sem cair em redundância.

## METODOLOGIA: A ANÁLISE DO DISCURSO

Non há ritual sem falhas.  
Michel Pêcheaux

O discurso sobre as redes do CV, num primeiro momento formulado no âmbito da SCDC é rapidamente apropriado pelos Pontos e Pontões de Cultura e, a partir daí, repetido, reformulado, adaptado, partes esquecidas, partes silenciadas mostrando como se (con)forma a *memória discursiva* do Programa. A ideia deste estudo é acompanhar as transformações e as derivas de sentido produzidas pela noção de *rede* - que constitui um dos conceitos estruturantes do CV<sup>3</sup>, explicitando a relação do sujeito com a memória discursiva. Entendemos como *memória discursiva*<sup>4</sup> os *já-ditos* que, de alguma forma se relacionam, determinam e atualizam o discurso sobre o papel que desempenham as redes no Programa Cultura Viva. Foucault (1969:65) dirá que há um *domínio de memória*, formado por enunciados que não são mais discutidos, não se questiona seu valor de verdade nem sua validade, eles *já estão postos*, mas *em relação aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade, descontinuidade histórica*.

Este estudo busca descrever o funcionamento das redes do CV a partir do *discurso*, do que é dito *sobre elas*, em um primeiro momento, focando o discurso institucional que descreve o funcionamento das redes do Programa e em um segundo momento a partir do discurso que descreve o que as redes *fazem*, do que é dito pelos

---

3 Os conceitos estruturantes do CV são protagonismo, empoderamento, autonomia, gestão compartilhada e rede (in: Cultura Viva...:2005)explicitados adiante.

4 Sobre esse assunto recomendamos a leitura de ACHARD, P. et al. Papel da memória. Campinas: Pontes, 1999.

Pontões de Cultura sobre seus *problemas, limites e potências*. Os Pontões do CV construíram uma *narrativa* sobre o Programa e ela reflete os lugares sociais e ideológicos de cada sujeito, ela mostra os diferentes níveis de entendimento que circulam na formação discursiva que compõem o CV, a disputa pelo sentido. Essa narrativa pode ser apreendida pela análise do discurso que ela produz e poderá ajudar no entendimento do que se quer dizer quando diferentes sujeitos, em diferentes posições, referem-se às redes do CV. Os discursos produzidos são apresentados como um elemento importante para refletir o que deve permanecer e o que deve ser redesenhado para que as redes funcionem de maneira clara e satisfatória para todos.

Para iniciar este estudo, retomaremos brevemente a discussão sobre a teoria do discurso, na qual se organiza esse estudo e sobre a sociedade organizada em redes a fim de contextualizar a inserção da SCC no fluxo discursivo na qual ela está imersa e o qual reproduz.

### *A escola francesa da Análise do Discurso*

A escola francesa de Análise de Discurso (AD) é uma disciplina que trabalha com as relações de contradição existentes entre três campos do saber: a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise. A AD interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado, questiona o materialismo perguntando pelo simbólico e se demarca da Psicanálise pelo modo como, considerando a historicidade, trabalha a ideologia como materialmente relacionada ao inconsciente sem ser absorvida por ele (Orlandi: 1996). Assim, desloca-se o objeto de estudo: não mais a língua, como os lingüistas, tampouco a fala a-historicizada, mas sim o *discurso*, onde podemos observar o homem falando e capturando sentidos em sua trajetória. A linguagem é concebida, nessa perspectiva, como mediação entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação que é o discurso torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que está inserido.

A AD caracteriza-se por problematizar conceitos já estabelecidos, referindo os conhecimentos produzidos dentro da linguística àqueles trabalhados em outros campos do saber, assim como por uma reavaliação constante de seus pressupostos e reelaboração de métodos a fim de dar conta da complexidade do objeto que se propõe a analisar. A AD é uma disciplina de conhecimento sobre a linguagem que permite alterar, modificar a experiência e a ação e o comportamento das pessoas. Isso a faz uma disciplina de intervenção no meio social, político e histórico.

Pêcheux tem em **Análise automática do discurso**, publicada em 1969, o discurso fundador da escola francesa de Análise do Discurso. Para ele, existe uma ligação necessária entre a prática política e o discurso porque ele não concebe a linguagem como um mero instrumento de comunicação para troca de informações. Pêcheux concebe o discurso, enquanto *efeito de sentidos* entre interlocutores, como um lugar particular em que esta relação ocorre. Por efeito de sentido entende-se que o sentido sempre pode ser outro, dependendo do lugar social em que os interlocutores se inscrevem. O sentido não está mais na língua, mas tem que ser referido ao mecanismo discursivo que o tornou possível em determinado contexto sócio-histórico-ideológico.

Entende-se, assim, que a língua não é transparente e o sentido não é evidente: o sentido é uma construção de um *efeito de evidência* que deriva de um gesto de interpretação inscrito em um contexto histórico determinado. O discurso é um *objeto teórico* que se relaciona com o exterior, em que língua e história estão indissociavelmente relacionadas e está vinculado às condições de produção deste discurso, “*relacionando-o à exterioridade, à conjuntura histórico-social em que foi produzido e à rede de formulações que outros discursos estabelecem*” (Indursky, 1998:12).

Pela análise do funcionamento discursivo, é possível explicitar os mecanismos da determinação histórica dos processos de significação. Assim, interagir pela linguagem significa realizar uma atividade discursiva: dizer alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinada circunstância de interlocução. Isso significa que as escolhas feitas ao produzir um discurso não são aleatórias – ainda que possam ser inconscientes -, mas decorrentes das condições de produção em que o discurso é realizado.

Neste estudo não é objetivo recuperar toda a produção teórico-analítica da escola francesa da Análise do Discurso. Essa memória já foi feita, estando dispersa em vários trabalhos publicados<sup>5</sup>. Nossa proposta é fazer um *recorte* para a construção de um *dispositivo analítico particular* que possibilite a análise do corpus discursivo e, quando for necessário, introduziremos algumas *noções* oriundas de outros campos do saber que permitam fundamentar a argumentação. O conceito de recorte que adotamos neste trabalho se apresenta em Orlandi. Para ela, o recorte é uma unidade discursiva, ou seja, fragmento correlacionado de linguagem e situação. O texto organiza os recortes, relacionando-os às condições de produção da situação discursiva. Para a autora, a noção

---

5 Para um aprofundamento no tema, indicamos as seguintes leituras: (GADET, F. e HAK, T.:1997); ORLANDI (1996; 1999); PÊCHEUX (1990; 1995).

de recorte não é segmental, *recorte é pedaço*, isto é, o recorte é "um fragmento da situação discursiva que pode apreender a incompletude como constitutiva do sentido e condição da linguagem" (Orlandi, 1996:139-140). Foucault (1969:25) entende que os recortes são "categorias reflexivas, princípios de classificação, regras normativas, tipos institucionalizados: fatos de discurso que merecem ser analisados ao lado de outros que com eles mantêm relações complexas".

Nesta pesquisa interessa a análise de aspectos referentes à rede como parte integrante de uma política pública e nos abstermos de uma análise estritamente linguística ao propor uma interpretação dos sentidos que este material produz e quais seus desdobramentos em um *processo de gestão de políticas públicas* na área da cultura.

Sobre a potencialidade de articular noções que situam-se em campos distintos, Boaventura Santos argumenta:

Muitas vezes buscamos o novo nos interstícios, o que está entre as realidades, porque a realidade linguística, como a realidade social, como a de nossas subjetividades, é um palimpsesto. Ou seja: é um conjunto de estratos geológicos de nossa sociabilidade, que estão articulados de maneira muito complexa. Muitas vezes precisamos migrar de um campo a outro, de um estrato a outro, de uma linguagem a outra, de uma ciência a outra; a transdisciplinaridade é, em parte, isso. Temos ainda de buscar conceitos que venham de outros conhecimentos (SANTOS, 2007:49).

A AD distingue o *corpus empírico* – no caso, constituído pela totalidade da produção discursiva realizada no período de 2004 e 2012, entre todos os protagonistas do CV - gestores, beneficiários, parceiros, etc. – e o *corpus discursivo* – o recorte que, no gesto de interpretação do analista, *representa* essa totalidade - porque não se pretende a análise exaustiva, tendendo à *completude* (Orlandi, 1996:32), mas estipula-se arbitrariamente um número de seqüências discursivas visando uma amostra representativa, cujos resultados serão considerados extensivos ao campo discursivo de referência (Indurky:1997, 48). O *corpus discursivo* mobilizado para este estudo traz seqüências discursivas oriundas de dois espaços distintos: o *espaço de formulação* e o *espaço de interlocução*.

O *espaço de formulação (EF)* se compõe dos discursos materializados nos textos<sup>6</sup> dos documentos e publicações oficiais da SCDC que visa dar visibilidade e fazer circular os conceitos e as ações do Programa e passa a constituir o *discurso institucional* do CV. Foucault (1969:123) diz que a formulação é um acontecimento que é

---

6 Para Orlandi o texto é uma unidade significativa: as palavras não significam por si. É o texto que significa. Quando uma palavra significa é porque ela tem textualidade, ou seja, porque a sua interpretação deriva de um discurso que a sustenta, que a provê de realidade (ORLANDI,1995:109). Para a AD, o texto seria um "objeto" lingüístico através do qual se tem acesso ao discurso.

demarcável segundo critérios espaço-temporais e que pode sempre ser relacionada a um autor. O espaço de formulação tem como característica a paráfrase<sup>7</sup>, a estabilidade e a repetição do mesmo (discurso). Identificamos como a origem desta memória discursiva a publicação *Cultura Viva; Programa Nacional de Arte, Educação, Cidadania e Economia Solidária*<sup>8</sup> (2005) e ela será nossa principal referência do discurso fundador do Programa e a partir dela buscaremos verificar qual o sentido de rede assumido discursivamente pela SCDC que passa a constituir sua memória discursiva. O discurso fundador, para a escola francesa de Análise do Discurso, é a matriz de sentido que dá identidade a uma formação discursiva que, por sua vez, determina *o que pode e deve ser dito* a partir de uma posição dada numa conjuntura (cf. Pêcheux e Fuchs in Gadet & Hak, 1997:p.166-7).

O *espaço de interlocução* (EI) é representado pelos recortes discursivos produzidos pelos Pontos e Pontões de Cultura e os gestores do Programa, bem como demais parceiros e interlocutores que produzem *discurso sobre* o Cultura Viva e neste espaço existe abertura tanto para a paráfrase quanto para a interpretação, a diferença e a polissemia<sup>9</sup>. Foucault (1969) dirá que a interlocução - entendida como o processo enunciativo, a *enunciação* de um discurso - é realizada pelas pessoas *autorizadas* a fazê-la e é um acontecimento (discursivo) situado e datado, singular, mas que deixa passar um certo número de constantes pelos quais se pode reconhecer o *espaço de formulação* com o qual dialoga e que atualiza. Neste estudo dialogaremos com os recortes discursivos sobre os sentidos de rede do CV produzidos durante as Oficinas de Avaliação Situacionais, realizadas pelo IPEA em 2010, que nos conduzem a refletir sobre a efetividade das redes, sob o ponto de vista dos protagonistas do CV. Estes discursos, como veremos, dialogam e se referem constantemente ao discurso produzido no espaço de formulação e é por este motivo que os vinculamos a formações discursivas que pertencem a uma mesma formação ideológica, pois eles pertencem a um mesmo processo discursivo.

## ESPAÇO DE FORMULAÇÃO: O DISCURSO FUNDADOR

---

7 A paráfrase é um recurso intertextual no qual um texto é elaborado a partir do conteúdo de um texto anterior, mantendo, contudo, seu conteúdo semântico inalterado. Na perspectiva discursiva, a paráfrase garante a estabilidade dos sentidos, mantendo no fluxo do discurso a atualidade de referências já antes mencionadas.

8 Uma versão atualizada desta publicação foi lançada na TEIA 2010 sob o título de Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania; Cultura Viva: Autonomia, Protagonismo e Fortalecimento Sociocultural para o Brasil (2010) e este texto será uma importante referência para nossa análise.

9 A polissemia relaciona-se com a possibilidade de um mesmo item lexical adquirir outros sentidos, a partir de um contexto linguístico ou extralinguístico. Na perspectiva discursiva, a polissemia aponta o trabalho de interpretação do sujeito do discurso e que o sentido sempre pode ser outro, é opaco, ele não é dado pelo texto, mas construído na relação entre língua, história e ideologia.



## *Cultura Viva: Programa Nacional de Arte, Educação, Cidadania e Economia Solidária*

Gilberto Gil, então Ministro da Cultura, ao falar dos Pontos afirma que eles *estarão em rede, a fim de trocar informações, experiências e realizações* (Cultura Viva...:2010,p.9). Essa ideia de rede - como espaço de trocas - é explicitada com a ideia de *desenvolvimento aproximal* entre os Pontos de Cultura, em que as *trocas* acontecem em um contato *horizontal* entre Pontos, sem relação de hierarquias ou superioridade entre culturas (p.16). Tal rede,

deve ser **maleável, menos impositiva** na sua forma de interagir com a realidade, e, por isso, **ágil e tolerante como um organismo vivo**. O objetivo é fazer uma **integração** dos Pontos em uma rede global que aconteça a partir das necessidades e ações locais (TURINO in Cultura Viva...:2005, p.16).

Esta é a primeira formulação de rede que aparece no discurso institucional do CV e diz respeito a *forma de organização entre os Pontos de Cultura* e esta noção inicial sofre diversos *deslocamentos e ampliações de sentido* que podem ser melhor visualizadas em EF1 abaixo que sintetiza nove descrições de redes apresentadas em Cultura Viva (2005 e 2010):

EF1 - Rede de Formulação - A noção de rede no Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania; Cultura Viva: Autonomia, Protagonismo e Fortalecimento Sociocultural para o Brasil (2010)

Noção	Recortes discursivos - Espaço de Formulação
<b>REDE1 - Articulação entre os Pontos de Cultura e Ponto de Cultura como mediador entre Estado e sociedade</b>	RDEF1 - O Ponto de Cultura é a referência de uma <b>rede horizontal de articulação, recepção e disseminação de iniciativas e vontades criadoras</b> . Como um <b>mediador</b> na relação entre Estado e sociedade, e dentro da rede, o Ponto de Cultura <b>agrega</b> agentes culturais que <b>articulam e impulsionam</b> um conjunto de ações em suas comunidades, e destas entre si (p.14).
<b>REDE2 - Programa Cultura Viva como rede - gestão em rede</b>	RDEF2 - O Programa Cultura Viva é concebido como uma <b>rede orgânica de criação e gestão cultural</b> , mediado pelos Pontos de Cultura, sua principal ação (36). RDEF3 - O Cultura Viva é uma <b>rede horizontal de articulação, recepção e disseminação</b> de iniciativas culturais inovadoras e o Ponto de Cultura é a ponta desta rede, um <b>organizador</b> da cultura em nível local, um <b>centro de referência</b> para novas <b>conexões</b> em rede. RDEF4 - Enquanto o Cultura Viva pode ser identificado como uma <b>macro-rede</b> , o Ponto de Cultura pode ser definido como uma <b>micro-rede</b> (p.28).
<b>REDE3 - Rede da Ação Cultura Digital</b>	RDEF5 - Uma <b>rede digital interligando</b> todos os Pontos de Cultura viabilizará, em escala nacional, experiências de <b>compartilhamento da gestão pública</b> , inovando no processo de <b>controle e participação em políticas públicas</b> . Trata-se de uma tentativa de adotar uma <b>concepção ampliada de política</b> na qual a sociedade civil deve ocupar <b>espaços participativos de deliberação pública</b> , sem ter que assumir responsabilidades que deveriam ser próprias do Estado, preservando sua <b>autonomia</b> (p.25). RDEF6 - A Ação Cultura Digital surge como <b>catalisadora da rede</b> formada pelos Pontos de Cultura e como <b>ação transversal</b> do CV e Mais Cultura destinada a <b>fortalecer, estimular, desenvolver e potencializar redes virtuais</b> e presenciais entre os Pontos de Cultura (p.53).
<b>REDE4 - Pontos de Rede - descentralização para governos estaduais e</b>	RDEF7 - <b>Pontos de Rede são todos os Pontos de Cultura</b> que passam a integrar a Rede de Pontos de Cultura e que, atuando em diferentes níveis - municipal, estadual e federal, passam a também participar dos <b>encontros setoriais</b> que

<b>municipais</b>	definem a <b>gestão compartilhada</b> do Programa Cultura Viva e dos Pontos de Cultura <b>entre o poder público e a sociedade civil, por meio de Fóruns, Teias e Comissão Nacional dos Pontos de Cultura</b> (p.40).
<b>REDE5 - Pontões - Rede de integração dos Pontos de Cultura</b>	RDEF8 - O Pontão de Cultura é o grande <b>nó articulador da rede</b> do Cultura Viva, que <b>conecta e mobiliza</b> não só instituições que são os Pontos de Cultura como diversas outras entidades da sociedade civil, criando um <b>movimento amplo, orgânico e integrador</b> . Trabalha sob a perspectiva de capacitar produtores, gestores, artistas e de difundir produtos. <b>É a própria gestão compartilhada</b> . Os pontões, além de <b>articuladores, são capacitadores e difusores da rede, integram ações</b> e atuam na esfera <b>temática ou territorial</b> (p.44).
<b>REDE6 - Gestão intrarrede</b>	RDEF9 - Forma de buscar <b>os mecanismos de gestão na própria rede</b> , sem agentes externos, contando com a <b>capacidade e competências dos próprios integrantes da rede</b> (p.44).
<b>REDE7 - Rede de articuladores - os Tuxauas</b>	RDEF10 - Iniciativas de <b>mobilização e articulação</b> de redes protagonizadas por pessoas físicas que demonstram histórico de atuação relevante junto às ações e redes relacionadas ao Programa Cultura Viva (p.44-5).
<b>REDE8 - Rede como circuito cultural - Interações Estéticas</b>	RDEF11 - Do <b>diálogo entre artistas, Pontos de Cultura e comunidades</b> , estabeleceu-se a criação de uma importante <b>rede social e cultural</b> , que se articula <b>para além dos limites entre a "cultura erudita" e a "cultura popular"</b> , através do <b>circuito Interações Estéticas</b> que ocorre nas principais capitais brasileiras (p.63).
<b>REDE9 - TEIA</b>	RDEF12 - A Teia é o <b>encontro</b> dos Pontos de Cultura, o <b>momento em que a rede se repensa, organiza e apresenta sua arte</b> (p.64)**.

Podemos considerar que EF1 contempla a fase de elaboração da política do Programa que diz *o que ele é, o que ele faz e com quem se faz*, porém não esclarece *como se faz, em que tempo se faz e como se acompanha e mensura ou avalia o que se faz*. É uma formulação absolutamente *genérica* - em alguns casos, *retórica e poética* - que não traz em si as condições para ir além do discurso.

Inicialmente, o CV propõe a articulação de uma rede local, enraizada, (EF2-REDE1), que articule tanto os Pontos de Cultura à comunidade de entorno quanto os Pontos de Cultura da mesma região, a fim de potencializar suas ações e promover trocas de experiências e tecnologias sociais. Com a ação Cultura Digital, essa rede se desterritorializa, e passa a ser também uma rede virtual (EF2-REDE3) e o local passa a ter maior amplitude. A Cultura Digital, não obstante o discurso com foco na ação política da rede de Pontos, como podemos observar em EF2-REDE3, trata inicialmente da parte técnica da implementação dos kits multimídias que compõe os Pontos. Essa ação é desenvolvida, em um primeiro momento pela SCDC, que contrata bolsistas e consultores para implementar esta ação. Com o término das bolsas, surge a ideia dos Pontões de Cultura atuarem como articuladores e capacitadores das redes de Pontos (EF2-REDE5) e a SCDC inicia o processo de descentralização dos seus editais, ao repassar recursos para os governos estaduais e municipais (EF2-REDE4). A gestão intra-rede (EF2-REDE6) refere à organização - por parte da rede formada pelos integrantes dos Pontões selecionados nos primeiros editais - de Grupos de Trabalho

Temáticos em que propunha a discussão e a busca de soluções para os problemas comuns à implementação da ação.

A noção de rede é deslocada para ações de prêmios em EF2-REDE7 e EF2-REDE8, pois infere que os premiados dos Editais Tuxáuas<sup>10</sup> e Interações Estéticas se articulem em rede. O Tuxáua é um articulador de redes, que com a premiação ganha fôlego para desenvolver suas ações por mais dez meses. O Prêmio Interações Estéticas<sup>11</sup> é uma residência artística desenvolvida em um Ponto de Cultura.

A Teia - Encontro Nacional dos Pontos de Cultura (EF2-REDE9) é um evento organizado pela SCC/MinC, CNPDC e parceiros, que busca dar visibilidade ao trabalho desenvolvido pelos/nos Pontos e Pontões de Cultura. *A rede como gestão compartilhada* mostra o processo de articulação entre MinC, Comissão Nacional dos Pontos de Cultura e demais parceiros (Pontos, governos municipais e estaduais, ONGs, governo federal, etc.)

Podemos entender, então, que essa dimensão da rede faz uma analogia da rede como instância de *gestão compartilhada*, em que estão o Estado e os Pontos e Pontões de Cultura, a partir da Comissão Nacional dos Pontos de Cultura. Essa *metonímia* aproxima REDE9 de REDE2 que fala explicitamente da *rede como uma instância de gestão compartilhada do Programa Cultura Viva*. Esta articulação entende que Estado e sociedade podem, em certa medida e dentro de um contexto acordado, manter relação de co-gestão e responsabilidade compartilhada de uma política pública, embora esse entendimento não esteja acompanhado da necessária descrição dos espaços e limites desta interlocução e isso limite bastante o entendimento da materialidade deste discurso. Nesse sentido, algumas questões se impõem:

- i. Quais são as práticas, os fóruns, os eventos, os interlocutores que de fato concretizam uma proposta viável de gestão compartilhada?
- ii. Quais aspectos da gestão pública podem ser compartilhados com a sociedade civil e em que termos?
- iii. Outra questão que parece importante refletir é como essas estruturas "em rede" dialogam com as *estruturas formais de participação social* já instituídas pelo MinC, como o Sistema Nacional de Cultura, a Conferência Nacional de Cultura e seus GTs Setoriais, o Plano Nacional de Cultura, os fóruns municipais e estaduais de Cultura, entre outros?

---

10 <http://www.cultura.gov.br/site/2010/03/11/premio-tuxaua-cultura-viva-2010/>

11 [http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2010/07/edital\\_final\\_estetica1.pdf](http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2010/07/edital_final_estetica1.pdf).

As nove categorias descritas a partir do discurso institucional do CV não são suficientes para descrever *tipologias* de redes, pois essas dependem da descrição dos objetivos, metodologia de articulação, acompanhamento e avaliação dos resultados e processos, envolvendo aspectos que não são contemplados na proposta de rede do Programa. O sentido de rede expresso nos recortes discursivos acima é uma concepção *à priori* de redes – solidária -, idealizada e desconsidera a lógica das dinâmicas de relacionamento, afastamentos e aproximações, tensões e contradições entre os enredados, característica da rede real. As noções de rede que o CV mobiliza são polissêmicas, dizem respeito a *articulações locais, regionais, estaduais e nacional, entre os Pontos e Pontões de Cultura e comunidades, às relações entre Pontos, entre Pontos e Pontões, às redes virtuais, à espaços e eventos de inclusão e participação social, à mobilizadores regionais, aos circuitos culturais e à forma de gestão do Programa*. São redes dentro de redes. O discurso institucional do CV repete os atributos das redes, mas não explicita qual o *projeto* compartilhado, os objetivos comuns, as especificidades de cada sujeito para atuar na rede, não mostra como viabilizar as articulações, nem tampouco como mensurar se elas estão sendo bem-sucedidas do ponto de vista da efetividade da política que se pretende implementar. Se realmente articulam, com quem articulam e quais os resultados destas articulações ainda estão parcialmente mapeados.

Podemos inferir que não existe "o" sentido de rede, mas vários sentidos - de diferentes escalas e registros - que dialogam e formam uma noção polissêmica e de difícil ancoragem em práticas concretas. Este é um paradoxo que a formulação do Programa Cultura Viva provocou: ao mesmo tempo em que afirma em vários espaços, de várias formas, repetidamente a força mobilizadora das redes, ainda não dispõe de metodologia para definir um projeto, organizar protocolos, acompanhar, monitorar e avaliar o impacto real dessas redes e sua finalidade às vezes não está clara. E, como se sabe, a rede só existe para quem está plenamente conectado, em diálogo a partir de um *projeto* comum. Para haver rede tem que ter projeto, necessariamente. O espaço de formulação não foi suficiente para definirmos o sentido de rede que caracteriza o CV, assim vamos lançar mão de recortes discursivos oriundos do espaço de interlocução a fim de verificar a efetividade das redes, o que de fato elas mobilizam, do ponto de vista da gestão pública e como esse discurso se materializa nas práticas dos Pontos e Pontões de Cultura. Talvez o espelho que mostre o que é a rede seja aquele que reflita os protagonistas desta ação política.

## ESPAÇO DE INTERLOCUÇÃO

### *Oficinas de Avaliação Situacional do IPEA*

O IPEA realizou em 2010 uma segunda pesquisa avaliativa do CV, cujo principal objetivo foi levantar as percepções dos gestores dos Pontões de Cultura que compõem as redes do Programa Cultura Viva. O IPEA realizou seis Oficinas Regionais de Avaliação Situacional, sendo ouvidos 64 Pontões de Cultura, de todas as regiões do país (cfe. IPEA:2011). Os Pontões de Cultura participantes das Oficinas foram selecionados em 03 Editais publicados em 2005<sup>12</sup>, 2007<sup>13</sup> e 2009<sup>14</sup>, respectivamente.

Segundo a pesquisa (Lyra et alii:2011), nem mesmo entre os Pontões há clareza sobre suas características e atribuições, pois dentre os Pontões participantes das oficinas havia:

- i. casos em que não se sabiam Pontão,
- ii. casos que sabiam ser Pontão porém atuavam como Ponto,
- iii. casos que sabiam e consideravam o papel do Pontão como sendo a articulação em rede.

Em comum a todos os Pontões ouvidos, o discurso sobre articulação em redes - locais, temáticas ou por afinidades, com Pontos e não-pontos. Ao retomar as nove categorias que descrevem as redes do CV, verificamos que o discurso que os pontões atribuem às suas práticas dialoga com as ideias de REDE3 e REDE5. O verbo mais utilizado é *articular*, mas vem acompanhado de outros como *organizar*, *atuar*, *mediar*, *formar*, *animar*, *coordenar*, *planejar*, tudo isso, em *parceria*.

E13 - Rede de Interlocução - A noção de rede no discurso dos Pontões de Cultura – Oficinas de Avaliação Situacional IPEA.

Noção	Recortes discursivos - Espaço de Interlocução
<b>REDE3 - Rede da Ação Cultural Digital</b>	RDEI28 - Articular os pontos de cultura, trazendo ferramentas digitais de multimídia para propiciar a integração e o trabalho em rede.
<b>REDE5 - Pontões - Rede de integração dos Pontos de Cultura</b>	RDEI29 - Articulação das Redes, parceria política. RDEI30 - Articular, organizar e atuar junto com o grupo do ponto as ações planejadas. RDEI31 - Incentivo ao protagonismo local; formação; registro da cultura local a partir do ator local; transversalidade; veiculação. RDEI32 - Animador da Rede interna; alinhamento aos objetivos do projeto; institucionalidade; gerenciamento estratégico. RDEI33 - Coordenar as ações artísticas e culturais da Rede de Pontos de Cultura. RDEI34 - Planejar, considerar a diversidade; articular a rede de pontos.

Curiosamente, nas oficinas não houve problematização sobre os sentidos de rede posto nos documentos do CV, os recortes discursivos acima indicam uma adesão ao discurso institucional. A rede de formulação mostra que a memória discursiva do

12 [http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2010/02/sppc\\_pontosculturagovernos-2005\\_edital.pdf](http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2010/02/sppc_pontosculturagovernos-2005_edital.pdf).

13 [http://www.capitalbrasileiradacultura.org/pontao/downloads/Edital\\_022007\\_PontoesdeCultura.pdf](http://www.capitalbrasileiradacultura.org/pontao/downloads/Edital_022007_PontoesdeCultura.pdf).

14 <http://www.cultura.gov.br/site/2009/07/23/edital-pontoes-de-cultura-2009/>.

Programa, em 2010, já estava conformada e estabilizada. Grande parte do discurso dos Pontões repete *literalmente* o discurso institucional, atualizando-o. Mas o discurso não é constituído somente de estabilidade e do mesmo. Ao serem questionados sobre a *operacionalidade* destas redes, qual o *projeto comum*, ou como a gestão era compartilhada e em que termos, surgem *deslocamentos* que mostram o trabalho da interpretação do sujeito e da percepção de que embora poderoso imaginário, o discurso do CV é de uma fragilidade impressionante quanto confrontado com os dados.

Os relatos dos Pontões mostram que *não há uma rede única*, que o que existe para materializar redes - sempre no plural - são as articulações envolvendo os Pontos e Pontões de Cultura contemplados nos editais - em geral, cada edital resulta em um grupo de discursão virtual que pode ser considerado uma rede, em um sentido antropológico, *rede de convivência ou de informação*, onde sujeitos que buscam estreitar laços identitários se reúnem para troca de informação e debates. Os principais espaços onde os Pontos, Pontões de Cultura e gestores se encontram e dialogam são *presenciais* - Teias regionais e nacional, fóruns, seminários, reuniões, visitas técnicas, eventos em geral, etc. - que permitem que os Pontos, Pontões de Cultura e os gestores se vejam, se reconheçam e possam se articular. Os eventos presenciais não mantêm uma regularidade e constância e não há publicização dos acordos e combinados ou uma sistematização da memória destes encontros que seja divulgada nas redes ou mesmo no site do MinC, o que torna o ideal de gestão compartilhada um grande desafio pois não há espaços instituídos para isso.

O discurso dos Pontões sobre as redes - presenciais e virtuais - mostra que, na maioria dos casos,

- i. não há definição clara a respeito do número de pontos atingidos pelo pontão ou pontos sob a sua alçada (ainda que em alguns haja, por exemplo no caso das secretarias municipais e estaduais);
- ii. há atividades envolvendo pontos de cultura conveniados e outras instituições que formalmente não são pontos, mas podem ser consideradas enquanto tal;
- iii. há muitas redes próprias de cada pontão (enquanto grupo cultural) externos ao programa - muitas vezes articulação é anterior à formalização, contatos e trocas existem independente do Cultura Viva (cfê. Lyra et alii, 2011).

A interação entre Pontão e Pontos e entre os Pontos a partir dos Pontões trouxe novos atores e contato com outras linguagens que permite o compartilhamento de mecanismos e dinâmicas entre redes, de modo a obter maior interação entre os Pontões. A articulação dos Pontões - a partir de uma agenda comum - proporcionaria a efetividade dos instrumentos de informação, divulgação e organização, contribuindo

com a disseminação de práticas comunitárias e colaborativas. Para os Pontões pesquisados, as *redes* se revelam como espaço de elaboração, articulação, formação e difusão das ações desenvolvidas pelos Pontões e pelos demais que integram o Programa Cultura Viva, como prevê o discurso institucional. Eles articulam igualmente com redes culturais que não são formadas pelos recursos estatais, mas são *espontâneas* ou seja, formadas pela sociedade civil. Podemos entender que entre alguns Pontões existe a percepção de que seu trabalho é temporário e datado, realizado para suprir demandas internas do CV, a fim de qualificar os pontos e as redes que eles formam.

Em relação à comunicação e aos fluxos de informações, a pesquisa do IPEA mostra que nem sempre flui conforme o idealizado, sofrendo interferências do contexto, das distâncias, dos mecanismos de contato, muitas vezes ineficientes, do descompasso entre um momento e outro entre os Pontos, além das dificuldades decorrentes do processo normal de trabalho (Lyra et alii: 2011,p.60). Segundo os Pontões, há muita dificuldade em acessar informações com os gestores da SCDC.

Há ausência de procedimentos padronizados, de modelos disponíveis no que se refere à prestação de contas geram muitos ruídos e desgastes. Estas questões inevitavelmente apontam para os problemas de gestão interna da SCDC. Os participantes das Oficinas Avaliativas reconhecem aspectos positivos na sua relação com o MinC, considerando relevantes os atendimentos com cordialidade, receptividade, boa vontade e facilidade de diálogo. O acolhimento dos gestores, no entanto, não oculta que falta, em muitos casos, conhecimento técnico e há desconhecimento dos procedimentos de gestão. As dificuldades mais freqüentes estão relacionadas, prioritariamente, à assessoria inadequada para a implantação e implementação dos projetos vinculados ao Pontão de Cultura, e a rotatividade de profissionais do MinC, tendo em vista que isso gera interrupções nas ações de acompanhamento dos projetos em questão.

Neste sentido, o atraso no repasse das parcelas dos recursos do Programa foi considerado pelos Pontões participantes das Oficinas um dos pontos fracos da gestão do MinC, fato que gerou muito desconforto na relação entre Pontões e Pontos de Cultura e na relação entre profissionais contratados e comunidade atendida, visto que, ao não receberem o pagamento pelos seus serviços, estes profissionais deixaram de cumprir os compromissos assumidos com a comunidade. Este fato provocou como consequência imediata, a interrupção do atendimento ao público, fazendo com que ações programadas

e assumidas junto aos Pontos de Cultura e comunidades fossem canceladas, gerando desconforto e descrédito em relação às ações dos Pontões de Cultura.

Uma estratégia possível para superar algumas destas dificuldades e manter a sustentabilidade do Programa é a descentralização dos recursos e ações para governos estaduais e municipais como vem ocorrendo desde 2005. Um aspecto a ser considerado na descentralização é a forma de acompanhamento e monitoramento do projeto desenvolvido pelos Pontos e Pontões vinculados às redes estaduais e municipais por parte da SCDC. O adequado seria que junto com os recursos e a ação, uma *metodologia* fosse igualmente descentralizada para que os Pontos de Rede pudessem se integrar às Redes de Pontos. O que se vê é essas duas dimensões do Programa, até então, estão desconectadas e, mesmo quando no mesmo território, muitas vezes não dialogam, as trocas e articulações são mínimas, muitas vezes inexistentes ou limitam-se a eventos que não possuem consequência ou desdobramentos. Outro aspecto importante é a SCDC avaliar quais as ações podem ser descentralizadas e quais devem permanecer sob coordenação direta do MinC e quais processos têm recursos - humanos, orçamentários, estruturais - para acompanhar com qualidade em todas as fase: elaboração, implementação, acompanhamento, monitoramento, avaliação, redes. Essa decisão é política e depende do planejamento estratégico para esta gestão e quais objetivos se pretende atingir com o Programa.

Os dados e depoimentos dos Pontões mostram que existe uma necessidade premente de readequação conceitual do CV, mas principalmente um novo alinhamento da gestão interna do Programa.

## A REDE DE GOVERNANÇA COMO ESTRATÉGIA DE QUALIFICAÇÃO DA POLÍTICA PÚBLICA

O discurso institucional sobre as redes do CV propõe uma *ideia - a priori, idealizada, imaginada* - de rede que se articula em vários níveis, complexa, múltipla, como já expusemos na primeira parte deste artigo (cf. Labrea & Barbosa da Silva:2012). Existem várias redes, muitas e variadas, temáticas, territoriais, virtuais, locais, estaduais, nacionais, sempre no plural, mas um espaço coletivo único - uma Rede do CV - ainda está para ser construído - além de uma agenda consistente de encontros presenciais, deve estar ancorada em um plataforma virtual, sob a responsabilidade do MinC.



Em contexto de *redesenho*, busca-se uma metodologia que permita qualificar a interlocução com os pontos e pontões, a partir das diversas redes temáticas<sup>15</sup> organizadas ao longo de 08 anos de gestão do programa e, para isso, deve-se responder a uma série de questões:

- i. Quem integra as redes?
- ii. Os papéis dos pontos e do Estado nas redes não estão definidos – necessidade de acordos e pactos. Não há clareza do papel institucional do ponto de cultura dentro das redes.
- iii. O Estado não mantém uma interlocução regular nas redes. Qual a função do Estado na rede? É conveniente o Estado estar na rede?
- iv. Como estabelecer canais de comunicação?
- v. Como coordenar as atividades dos pontos entre si e dos pontões?
- vi. Como construir relações de confiança e reconhecimento mútuo entre os atores?
- vii. Quais são as práticas, os fóruns, os eventos, os interlocutores que de fato concretizam uma proposta viável de gestão compartilhada?
- viii. Quais aspectos da gestão pública podem ser compartilhados com a sociedade civil e em que termos?
- ix. Como as estruturas em rede dialogam com as *estruturas formais de participação social* já instituídas pelo MinC, como o Sistema Nacional de Cultura, a Conferência Nacional de Cultura e seus GTs Setoriais, o Plano Nacional de Cultura, os fóruns municipais e estaduais de Cultura, entre outros?

Um desenho possível seria distinguir entre as *redes temáticas*, já instituídas, e uma *rede mais estruturada, voltada à governança*<sup>16</sup> do CV. As redes temáticas se constituiriam assim em espaços amplos de formação, trocas, compartilhamento de experiências e tecnologias sociais em que a SCDC entraria com o recurso financeiro – a fim de instituir o *projeto compartilhado* entre os membros da rede – voltado ao tema – e organizaria os grupos de discussão virtual, uma agenda anual de encontros e seminários, um plano de comunicação, mediará alguns procesos, mas no geral, essas redes seriam autogeridas pelos próprios membros, mais orgânicas e fluidas e o Estado entraria nelas quando fosse pautado. As redes temáticas são o diferencial do programa, que apostou que sua articulação daria melhores condições de sustentabilidade aos pontos de cultura, pois possibilitaria a sua inclusão em circuitos culturais mais amplos e a possibilidade de trocas de tecnologias sociais, oferta de produtos e serviços culturais.

---

<sup>15</sup> Segundo o relatório da CNPdc (2012), a SCDC organizou 29 redes temáticas, a partir de seus editais.

<sup>16</sup> Governança; uma nova geração de reformas administrativas e de Estado, que têm como objeto a ação conjunta, levada a efeito de forma eficaz, transparente e compartilhada, pelo Estado, pelas empresas e pela sociedade civil, visando uma solução inovadora dos problemas sociais e criando possibilidades e chances de um desenvolvimento futuro sustentável para todos os participantes. (Löffler, 2001:212)

A *rede de governança* seria um espaço de articulação política e teria como finalidade articular os pontos e pontões a fim de poder acompanhar, monitorar, avaliar e dar visibilidade ao plano de trabalho desenvolvido.

A governança em rede coloca os cidadãos juntos na interação, para permitir o aprendizado, o debate e a participação nas questões do fazer político. (...) as organizações não apenas estão conectadas, mas também interdependentes para a formação de agrupamentos para o fazer político. Praticamente, aí reside o valor de uma rede que funciona na governança. (SARKER, disponível in: <http://vecam.org/article527.html>, acesso em 07/08/2012).

A ideia é criar um espaço para convergir as informações e adotar ferramentas e diretrizes de comunicação e gestão mais eficazes. A participação dos pontos e pontões seria *institucional*, formalizada pelo convênio, bolsa ou premiação, e a SCDC faria o acompanhamento diário deste espaço, tendo uma pessoa qualificada para fazer essa interlocução. Esta rede realizaria um processo contínuo de mapeamento e sistematização das ações realizadas por Pontões de Cultura e dialogaria com os diversos ambientes e bases de dados já produzidas pelos pontos e pontões. Para tal, é necessário um planejamento estratégico que contemple a agregação dos diferentes ambientes e espaços existentes nas redes temáticas, assim como uma análise profunda dos processos internos da secretaria, a fim de definir um plano para a utilização da plataforma de acompanhamento e atualização de informações dos pontos.

Esta plataforma seria um *ambiente comum que integraria as bases de dados das redes de pontos e pontos de redes*, os blogs e sítios eletrônicos já existentes, os dados do Salic Web<sup>17</sup>, SICONV<sup>18</sup> e, futuramente, SNIIC<sup>19</sup>. O mérito desta proposta é trazer para a SCDC a responsabilidade por articular e hospedar a memória e o arquivo das ações desenvolvidas pelos Pontos, a partir do processo formativo executado pelos Pontões e pela integração de suas equipes de desenvolvimento. As experiências de manter os mapeamentos dos pontos sob a responsabilidade dos pontões não foi bem sucedida, pois quando acaba o convênio perdem-se os dados. Para além da memória e arquivo das ações, da divulgação e visibilidade das atividades desenvolvidas nos Pontos, a *rede de governança* tornaria possível a agregação e o cruzamento de informações, sistematizar as ações dos Pontos em uma única rede de dados que facilitaria tanto para os Pontos quanto para a SCDC criar um modelo para a documentação necessária à prestação de contas.

---

<sup>17</sup> Salic Web é o sistema de inscrição de iniciativas culturais no MinC.

<sup>18</sup> SICONV é o sistema de cadastro de projetos a serem conveniados com o MinC.

<sup>19</sup> SNIIC é o sistema nacional de informações e indicadores culturais do MinC.

Essa integração de dados é possível a partir da integração da identidade dos pontos, utilizando o serviço de um sistema de identificação como o OpenId<sup>20</sup>, por exemplo. Para que isso se realize, é preciso definir regras comuns - quais tecnologias, linguagens e padrões a serem utilizados, e articular entre os responsáveis a utilização e implementação dessas regras nos diferentes sistemas. Também é recomendado que estas definições de tecnologias e padrões sejam acordados no ato de conveniamento dos produtores culturais ao serem contemplados com recursos públicos. Depois de integradas as identidades, é preciso garantir a possibilidade de intercâmbio de informações entre os diferentes sistemas. Também para isso, é preciso definir protocolos e tecnologias comuns, que sejam implementadas em todos os sistemas (BRASIL:2009, p.233).

Mais do que uma plataforma e um grupo de discussão virtuais, a *rede de governança* é uma *estratégia política* que assegura que mesmo com as ações de descentralização e o foco no crescimento do número de pontos e pontões se garanta uma certa estabilidade dos conceitos estruturantes do programa a partir do compartilhamento de metodologias, da visibilidade das ações do pontos e pontões, da criação de uma agenda comum, do acompanhamento e avaliação do plano de trabalho, e da interlocução qualificada entre os gestores e os pontos e pontões. Também é importante que nessa plataforma estejam presentes os arquivos com os produtos dos consultores da SCDC, que a rede de pesquisadores do CV seja reestruturada e o banco de dissertações, teses e artigos sobre o programa seja disponibilizado, que se modele um plano de comunicação consistente - com e-mail, fone de contato, boletim semanal e equipe qualificada.

Para concluir, vemos que a trajetória entre o *discurso institucional* e o *discurso prático* aponta caminhos possíveis, *entremios*, talvez menos poéticos, mais pragmáticos, envoltos no jargão da nova gestão: *gestão*. Se nos despimos parcialmente de poesia, vemos que agora o que *pode* e *deve* ser dito tem que ser necessariamente algo que fale de eficiência, alinhamento, sistemas, fluxos e mapeamentos. Mas no entremio, se tensiona. Um caminho possível talvez seja não *desperdiçar a experiência* - honrar e reconhecer a *poética* do muito que foi feito, e inseri-la em um fluxo histórico em que o que foi convive com os novos desafios que se impõem.

---

20 Trata-se de uma rede distribuída na qual a identidade do utilizador é dada por uma URL ou XRI que pode ser verificada por qualquer servidor executando o protocolo. Em sites que suportam OpenID, utilizadores não necessitam de criar uma nova conta antes de poder a aceder. Só é necessário autenticação por um site que suporta OpenID, chamado provedor de identidade. Esse provedor pode então confirmar o dono da OpenID para outro site que suporta OpenID. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/OpenID>, acesso em 27/07/2012.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Luiz Eduardo; BARBOSA DA SILVA, Frederico A. **Levando a sério o que nos dizem - notas sobre narrativas e avaliação nas políticas públicas**. Texto para Discussão 1730. RJ: IPEA, abril de 2012.
- BARBOSA DA SILVA, Frederico A. e ARAÚJO, Herton E. (Org). **Avaliação do Programa Arte Educação e Cidadania: Cultura Viva**. Brasília: IPEA, 2010.
- BARBOSA DA SILVA, Frederico A. (Org.). **Cultura Viva; as práticas de pontos e pontões**. Brasília: IPEA, 2011.
- BARROS, José Márcio. *Por uma Cultura da Avaliação da Cultura. Observatório Itaú Cultural*. Texto produzido a partir dos debates da mesa redonda *Avaliação no Setor Cultural*, realizada no *Seminário Indicadores Culturais: debate Brasil e Espanha*, promovido pelo Instituto Itaú Cultural em novembro de 2007, São Paulo.
- BOTELHO, Isaura. **Dimensões da cultura e políticas públicas**. Volume 15; 02. Abril a Junho. São Paulo: 2001.
- BRASIL. **Oficina do sistema nacional de cultura**. Brasília: MinC, 2006.
- BRASIL. **Compêndio do Cultura Digital**. BSB: SCC/MinC, 2009.
- CANCLINI, Nestor García. **Definiciones en transición**. Buenos Aires: CLACSO, 2001.
- COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural. Cultura e Imaginário**. Iluminuras. 1997.
- COELHO, Teixeira. **A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2011**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008
- CRUZ, Vicente W. *Repensando o Conceito de Políticas Públicas*. [www.artigonal.com/politica-artigos/repensando-o-conceito-de-politicas-publicas](http://www.artigonal.com/politica-artigos/repensando-o-conceito-de-politicas-publicas).
- FOUCAULT, M. *Arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1969.
- GOLDSMITH, S & EGGERS, W.D. **Governar em rede – o novo formato do setor público**, ENAP/UNESP, Brasília, 2006.
- GADET, F. e HAK, T. (orgs) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- GONÇALVES, Cristiane. **Relatório Comparativo dos dados quantitativos (dados financeiros, estruturais e de logística, de público, de programação, pontos de cultura e comunicação), referentes às quatro edições do evento Teia, 2006, 2007, 2008 e 2010**. Brasília: SCC/MinC/PNUD, 2010.
- GREFFE, Xavier. *La Evaluación de las Políticas Culturales*. Seminário de Especialização em Gestão Cultural. Observatório Itaú Cultural/ Universidade de Girona. 2011.
- IPEA. **Relatório da Pesquisa Avaliativa do Programa Cultura Viva. Avaliação dos Pontões de Cultura do Programa Cultura Viva. O perfil dos Pontões de Cultura. Os instrumentos de articulação, formação e difusão da Rede de Cultura**. Brasília: DISOC/IPEA, 2011.
- INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1997.
- LABREA, V.C.V. **A vanguarda que se auto-anula ou a ilusão necessária. Cartografia da Rede Brasileira de Educação Ambiental 2003-2008**. Brasília; CDS/UnB, 2009.
- LABREA, V.C.V; RANGEL, A.M.C. **Programa Cultura Viva; análises e observações**. BSB: SCC/MinC/PNUD, 2009.
- LABREA, V.C.V; RANGEL, A.M.C. **Seminário Internacional do Programa Cultura Viva; novos mapas conceituais**. BSB: SCC/MinC/PNUD, 2010.
- LABREA, V.C.V ; BARBOSA DA SILVA, F.A. *A rede imaginada e as redes vividas do Cultura Viva : a distância entre o dizer e o fazer*. Comunicação apresentada no VIII Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Enecult). Salvador: FACOM/UFBA, 2012.
- LYRA, V.M.G. et alii. **Pesquisa Avaliativa do Programa Arte cultura e Cidadania – Cultura Viva – O olhar dos pontões de cultura**. BSB: IPEA, 2011.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. **Programa Arte Cultura e Cidadania – Cultura Viva**. <http://www.cultura.org.br>, 2010.
- MULLER, P. *L'analyse cognitive des politiques publiques: vers une sociologie politique de l'action publique*. In *Revue française de science politique*, 50s année, n°2, 2000, pp 189-208.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento, as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996.
- PÊCHEUX, Michel. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.
- RUBIM, Albino. *Políticas Culturais entre o possível e o impossível*. Comunicação apresentada no II Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Enecult). Salvador: FACOM/UFBA, 2006.
- RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org.). **Políticas culturais no governo Lula**. Salvador: EDUFBA, 2010.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo; para uma nova cultura política**. São Paulo:

Cortez, 2006a.

\_\_\_\_\_. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social.** São Paulo: Boitempo, 2007.

TURINO, Célio. **Ponto de Cultura – O Brasil de baixo para cima.** São Paulo: Editora e Livraria Anita Ltda, 2009.